

Resenha ***A morte do Generalíssimo***

Claudinei Cássio de Rezende¹

NURY, Fabien; ROBIN, Thierry. *A morte de Stálin*. Trad. Paulo Werneck. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

Numa noite do inverno de 1953, em Moscou, o diretor da Rádio do Povo, Andréiev, recebe uma ligação requerendo que ligue em 17 minutos para um telefone informado. Ele realiza a ligação e, para a sua surpresa, era I. Stálin (1878-1953) do outro lado da linha a atender à chamada, solicitando uma cópia da gravação da transmissão que havia sido executada minutos antes, o *Concerto para piano n. 23* de Mozart. Apenas um pequeno problema: nada havia sido gravado. Atmosfera aterrorizante toma conta do diretor, dos músicos, do maestro, enfim, de todo mundo. Não há alternativa senão executar a obra mais uma vez para gravá-la. Mas e se não ficar exatamente igual? E se todos forem condenados aos campos de trabalho forçado ou até à morte por causa disso? Resolve-se ligar novamente para aquele telefone e avisar que o concerto seria, então, executado novamente. Ao fazer isso, o diretor Andréiev descobre que a linha não existe mais! Decide-se executar o concerto assim mesmo. Dois outros problemas adjacentes tomam cena neste momento de desespero: primeiro, Maria Iúdina², a solista do piano, então musicista consagrada, recusa-se a tocar para Stálin, afinal, ela era inimiga declarada do regime desde que toda a sua família estivera confinada ao Gulag – isso foi contornado com ameaças e suborno; segundo, o maestro não consegue reger o concerto e cai ao chão com uma crise nervosa por medo de Stálin. No meio da madrugada, um militar vai à casa de outro maestro, Bóris Bresnávich, e o força a reger. O disco é gravado e entregue a Stálin no dia seguinte. Não obstante, os músicos nunca saberão se Stálin reconheceria a diferença na execução gravada do concerto, porque, ao ouvi-lo, o Generalíssimo Soviético padece de algo que pode ser um acidente vascular cerebral e entra em agonia. Assim se encerra a introdução de Fabien Nury

¹ Doutor pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e pós-doutor pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). *E-mail*: claudinei_cassio@yahoo.com.br.

² Aqui nota-se uma licença poética dos quadrinistas, pois uma breve pesquisa na historiografia sobre Maria Iúdina revela que este fato ocorreu numa noite de 1944. Este acontecimento está relatado nas memórias de Dmitri Shostakovich, um dos mais importantes compositores russos do século XX (cf. FROLOVA-WALKER, 2016, pp. 8-9).

e Thierry Robin ao livro de história em quadrinhos intitulado *A morte de Stálin* (2015).

O livro tem um tom muito sombrio e capta a essência de alguns dos acontecimentos mais marcantes da disputa pelo poder na União Soviética diante da morte de Stálin. Retrocede também a um fato que acaba de acontecer: o envolvimento de L. Béria (1899-1953) na Conspiração dos Médicos em janeiro de 1953³. Tal Conspiração pode ser considerada o último expurgo de Stálin e acontece quando este prende e executa os médicos sob a acusação de um suposto envenenamento de Andrei Zhdanov (1896-1948). Com esta acusação, Stálin teria como se livrar de seus colegas mais próximos, dentre estes V. Molotov (1890-1986), A. Mikoian (1895-1978) e o próprio Béria. Os quadrinhos traçam muito bem este paralelo, apresentando a ligação entre a Conspiração, Béria e Lydia Timoschuk – ainda que o discurso de N. Krushev (1894-1971) no XX Congresso, três anos depois da morte de Stálin, desminta as acusações da existência da carta secreta desta médica, que é, portanto, uma fraude fabricada *ad hoc* para o expurgo. Crankshaw afirma que este fato está longe de ser desvendado na historiografia soviética, e permanece ainda muito obscura a participação de Krushev no acordo com Ignatiev para levar Béria à morte. Quanto aos médicos, em sua maioria judeus, certamente são vítimas do último *pogrom tsarista* de Stálin, ou assim mesmo o próprio Krushev descreve muitas vezes em seu diário. Nos quadrinhos, este é um impeditivo para o atendimento médico a Stálin nas primeiras horas, e Béria trata de assegurar que o Generalíssimo não seja atendido, obliterando sua possibilidade de reação. Stálin, num único momento de consciência antes da morte, aponta para um quadro com um cordeiro – concluo, então, que uma das fontes mais importantes dos quadrinistas é realmente o material coletado por Crankshaw, pela semelhança da descrição.

Os quadrinhos seguem mostrando o traço soturno e estrategista de Béria na cúpula soviética em torno da morte de Stálin, na qual participam Malienkov, Krushev, Mikoian, Kaganovitch e Bulganin (posteriormente, integraria Molotov, figura importante nestes desdobramentos). Responsável pelo funeral de Stálin, Krushev promove um massacre de populares – o acontecimento verdadeiro é que o descuido de Krushev leva a uma organização caótica do funeral em que muitas pessoas morrem pisoteadas, conforme conta o historiador Jean-Jacques Marie no posfácio deste livro. Vale notar que o músico Seguei Prokofiev, aclamado compositor das peças *Romeu e Julieta*, *Batalha na neve* e de trilhas

³ Estas e outras histórias são detalhadamente relatadas por Edward Crankshaw, um dos mais importantes kremlinologistas, que reuniu as memórias de Krushev a partir de suas anotações em cadernetas de diários (cf. CRANKSHAW, 1971).

sonoras para os filmes de Eisenstein, morre no mesmo dia de Stálin, e as celebrações fúnebres de uma semana para este último impedem que Prokofiev tenha um funeral (questão não abordada nos quadrinhos, mas que revela o espírito deste momento soviético).

Lateralmente, os quadrinhos demonstram a relação entre esses personagens e os filhos de Stálin – diga-se de passagem, o filho de Stálin é retratado como um perigoso paspalho de alta patente militar, tal como se observa nas memórias de Krushev; enquanto Svetlana é retratada como lúcida diante dos fatos, vindo a ser fundamental na trama que derruba Béria em junho de 1953.

Com um retrato bastante fiel de cada personagem nesta trama, a história termina com o fuzilamento de Béria em meio aos seus devaneios conspiratórios. Não tem o perfil de quadrinhos de jornalismo como os de Joe Sacco, por exemplo, mas tem um estilo muito dinâmico e traz ao leitor a curiosidade pelos dados históricos.

Referências bibliográficas

- CRANKSHAW, E. Khrushchev remembers. Boston: Brown, 1971.
FROLOVA-WALKER, Martina. *Stalin's music prize*. New Haven: Yale University Press, 2016, pp. 8-9.
NURY, Fabien; ROBIN, Thierry. *A morte de Stálin*. Trad. Paulo Werneck. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

Como citar:

REZENDE, Claudinei Cássio de. A morte do Generalíssimo. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 24, n. 2, pp. 238-240, nov. 2018.

Data de envio: 4 maio 2018

Data de aceite: 17 jul. 2018